

QUESTÃO INDÍGENA *Funcionário da Funai afirma que os caiapós ameaçam matar o grupo de 16 pessoas; a entidade nega*

# Reféns de índios ficam sem alimentos

LUÍS INDRIUNAS

DA AGENCIA FOLHA, EM BELEM

Acabou ontem a comida dos 16 turistas mantidos como reféns por 50 índios caiapós no sul do Pará, segundo a Funai (Fundação Nacional do Índio). O grupo está detido desde sexta-feira, e as negociações para a sua liberação estão paralisadas. Os índios exigem a demarcação imediata das terras da região em troca dos reféns.

Segundo o administrador da Funai em Colider (MT), cacique Megaron Txucarramãe, duas equipes da Polícia Federal devem chegar hoje ao município de Novo Progresso (sul do Pará), a 60

km da região onde estão os reféns.

O funcionário da Funai Francisco das Chagas Lopes, que está junto com os reféns desde sábado, disse, por rádio, à "TV Liberal", que os índios estão ameaçando de morte os turistas se as reivindicações não forem atendidas. "Se não for resolvido, eles dizem que vão matar todo mundo."

Os caiapós possuem armas de fogo e estão pintados para guerra, mas Megaron negou que houvesse esse tipo de ameaça.

Ontem, um funcionário da Funai deveria seguir para a aldeia Baú, perto de onde estão os reféns, levando comida e uma carta do presidente do órgão, Glênio da

Costa Alvarez, mas a aeronave quebrou. Os contatos são feitos por mensageiros.

"Estamos tentando alugar outro avião na região, mas encontramos dificuldade porque a maioria das aeronaves está ocupada", disse Megaron.

Na carta, Alvarez garante que o processo de demarcação da área indígena Baú (de 1,85 milhão de hectares) está avançando, mesmo com as contestações judiciais. Ele pede paciência aos índios.

Há cerca de 20 anos, os índios reivindicam a demarcação da área. Os políticos locais, no entanto, contestam. "Eles querem é ficar com metade do município",

disse o prefeito de Novo Progresso, Juscelino Rodrigues (PSDB).

A principal área de tensão é a estrada vicinal que liga o município à reserva. Para os caiapós, os limites da reserva avançam cerca de 30 km da margem direita do rio Curuá. Para os políticos da região, o limite deve ser até a margem esquerda do rio.

Os turistas, dez de Avaré (SP) e seis de Novo Progresso, haviam feito um acampamento na margem direita do rio para praticar pesca esportiva.

"Não entendo essa reação. Há cerca de oito meses, nós tivemos uma reunião, e eles prometeram não ultrapassar mais os limites do

rio", disse o presidente da Câmara Municipal de Novo Progresso, Jovenil Vargas (PSDB).

Megaron contesta o acordo. "A Funai tem laudos de especialistas que atestam que os limites são além do Curuá", disse. Segundo Vargas, há decisões judiciais dando respaldo à posição da prefeitura e da Câmara.

O clima em Novo Progresso está tenso desde sexta-feira, quando 50 índios caiapós impediram a saída dos turistas. No final de semana, quatro pessoas moradoras do município foram liberadas pelos caiapós depois de uma negociação intermediada por um índio e pelo vereador Rubens Nes-

tor da Silva (PMDB).

Os índios também apreenderam cinco barcos tipo voadeira e cinco motores que seriam usados na pescaria.

Há informações desencontradas, em especial aquelas divulgadas por radioamadores da região. Houve boatos de que os índios teriam amarrado os reféns a árvores, mas a Funai negou a história.

Anteontem, um grupo de fazendeiros do município ameaçou tirar à força as pessoas do cativeiro, mas foram impedidos.

Atualmente, cerca de 4.000 caiapós vivem em três reservas já demarcadas no sul do Pará e no norte de Mato Grosso.

INSTITUTO	Documentação
Fonte	ISA
Class.	32
Data	2/8/2000
Pg	19

INSTITUTO		Documentação	
SOCIOAMBIENTAL		FSP	
Fonte			
Data	2/8/2000	Pg	A9
Class	321		

## Escassez de informação aflige famílias

EDUARDO SCOLESE  
DA AGÊNCIA FOLHA

A falta de informações precisas sobre os reféns é o fator que mais aflige as famílias dos dez reféns que moram em Avaré (268 km a oeste de São Paulo).

Há poucos dados da Funai — as famílias têm confiado nos relatos telefônicos de Edson Nascimento, sobrinho do refém Frederico Landi Filho, 69. Nascimento é secretário da Saúde em Sinop (MT).

O grupo de pescadores amadores, que viaja em caravana todos os anos para pescar em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, desta vez preferiu ir ao sul paraense, a convite do fazendeiro Rilson Carmargo, amigo de Landi Filho, que é mecânico aposentado.

Landi Filho, segundo familiares, é diabético, e os índios teriam quebrado todos os seus vidros com remédios. A família Landi é a mais numerosa no grupo, com quatro reféns.

Os pescadores saíram de Avaré em 20 de julho, divididos em três camionetes. A viagem durou quatro dias. Antes do sequestro, a intenção dos pescadores era deixar o Pará no dia 30 de julho.

De Avaré, além de Landi Filho, os índios mantêm como reféns Wilson Roberto Landi, Luís Alberto Landi, André Luís Landi, Luís Carlos da Silva, Wilmar Barbosa Campos, Luís Fernando Ribeiro, Armando Donini, Orlando Donini e Emerson Antonio Martins. Gersolino da Silva, Roque Mendes de Oliveira, Laércio Monteiro de Oliveira, Edilson Cristino, Valmir Alves Pereira e Raimundo Soares da Silva são os reféns de Novo Progresso.

De acordo com Maria Lúcia Landi Vieira, sobrinha de Landi Filho, os pescadores teriam invadido por acaso a terra dos índios, pois o nível das águas do rio Curuá na região da fazenda de Carmargo estava abaixo do normal e dificultou a pesca no local — obrigando os pescadores a procurarem outro ponto, já na região dos caiapós.

“As únicas informações que recebemos até agora são de que eles estão bem e sem nenhum tipo de ferimento. Mas, infelizmente, não podemos ter certeza de nada.”

As famílias receberam relatos de que os índios teriam armas, como escopetas calibre 12 e até metralhadoras, em seu poder.

“Apesar dos reféns estarem vivos, fica sempre a preocupação com as armas de fogo e a falta de alimentação”, disse Leide Landi, irmã de Wilson Roberto Landi.

Irmã dos lavradores Orlando, 44, e Armando, 51, Umbelina Donini, afirmou que a falta de notícias a respeito da situação dos irmãos e dos demais reféns é o que mais aflige a sua família e a população da cidade.

“Nós estamos aqui e não sabemos se eles estão passando frio e fome no meio do mato.”

*Se não for resolvido, eles (índios) dizem que vão matar todo mundo*

FRANCISCO DAS CHAGAS LOPES  
funcionário da Funai